

ENSAIO TEÓRICO

Da Simulação de Cientificidade: “Amor Esquecido”... de quê?¹

João Carlos CATTELAN 

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

RESUMO

Para a analista de discurso, Denise Maldidier (2003), o filósofo francês, Michel Pêcheux, (1995) postulava, postando-se contrariamente ao racionalismo idealista e ao empirismo lógico, a descontinuidade entre a ideologia e a ciência, afirmando que a simulação de reunificação entre as duas se sustenta no fato de a primeira se mostrar como a segunda, por meio da mobilização de processos discursivos que partilham do mesmo funcionamento enquanto materialidade verbal. Considerando a defesa e os postulados do autor sobre a descontinuidade, com este estudo, objetivo refletir sobre como se dá a *simulação*, valendo-me do que Michel Pêcheux designa como *terceiro elemento* e buscando teorizá-lo e observá-lo quanto ao uso do conectivo (conjunção/operador) condicional “se” no filme “Amor Esquecido” da Netflix. Em outros termos, pretendo fazer trabalhar o postulado da *simulação*, mobilizando, para tanto, além do conceito mencionado, as noções de *evocação lateral* e *identificação*, como concebidos pelo autor e sobre como ocorrem no filme considerado como caso ilustrativo.

ABSTRACT

For the discourse analyst, Denise Maldidier (2003), the French philosopher, Michel Pêcheux, (1995) postulated, opposing idealist rationalism and logical empiricism, the discontinuity between ideology and science, stating that the simulation of reunification between them is sustained by the fact that the first shows itself as the second, through the mobilization of discursive processes that share the same functioning as verbal materiality.



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Raquel Freitag (UFS)

AVALIADO POR

- Lucas do Nascimento (UFRJ)

- Raquel Moreira (UTFPR)

DATAS

- Recebido: 09/11/2023

- Aceito: 08/06/2024

- Publicado: 28/06/2024

COMO CITAR

Cattelan, J. C. (2024). Da Simulação de Cientificidade: “Amor Esquecido”... de quê? *Revista da Abralin*, v. 23, n. 1, p. 1-18, 2024.

¹ Estudo desenvolvido com financiamento da **Fundação Araucária** de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA)

Considering the author's defense and postulates on the discontinuity, with this study, I aim to reflect on how the *simulation* occurs, using what Michel Pêcheux designates as the third element and seeking to theorize and observe it regarding the use of the conditional connective (conjunction/operator) "if" in the Netflix film "Forgotten Love". In other words, I intend to work on the postulate of *simulation*, mobilizing, for this purpose, in addition to the aforementioned concept, the notions of *lateral evocation* and *identification*, as conceived by the author and how they occur in the film considered as an illustrative case.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso. Terceiro Elemento. Condicionalidade. "Amor Esquecido".

KEYWORDS

Discourse. Third Element. Conditionality. "Forgotten Love".

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Para Michel Pêcheux (1995), a ciência e a ideologia são constituídas por maneiras distintas de observação do mundo. De um lado, ele é convertido em crenças, concepções e opiniões: cosmovisões. De outro, há a obrigação de produção de um saber sistemático, metódico e demonstrável. Porém, como ambas se constituem sobre os mesmos procedimentos enquanto materialidade verbal, a ideologia se simula como ciência e encobre a clivagem e a descontinuidade entre ela e a ciência. Contra esta simulação e contra o relativismo cético, o filósofo francês defende a necessidade de perceber a discrepância entre elas. Neste estudo, procuro compreender como ocorre esta simulação, tomando como objeto de análise o filme "Amor Esquecido", da Netflix, observando especificamente o conectivo condicional (se), dada a sua "vocação" para construir relações "lógicas".

Introdução

Para Malidier (2003, p. 27), em "**A Inquietude do Discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**", o filósofo francês alertava para "a aptidão dos discursos ideológicos a simular o discurso científico"; formulação intrigante, porque postula a cisão entre discursos discerníveis: de um lado, o discurso ancorado nos preceitos da ciência, pautado na abstração e na generalização; de outro, o sustentado pela ideologia, tida, conforme Althusser (2022, p. 90), como "um sistema de ideias, de representações que

domina o espírito de um homem ou um grupo social”. O postulado de Pêcheux assume que nem todo discurso é ideológico e que, sem relativismo cético, há discurso científico. Se um simula o outro, os discursos podem produzir efeitos de cientificidade, sem o discurso ideológico se tornar científico, devendo haver forma de separá-los. Além disso, porque, se há por parte do discurso ideológico a produção de uma *simulação* (grifo meu), ela deve se constituir sobre a materialidade verbal, campo do simbólico e, forçosamente, pertencente ao discursivo. Este conjunto de questões orienta o objetivo geral deste estudo, a saber, a busca de alguma luz sobre a simulação alegada.

Com o objetivo de compreender como se processa a simulação, recolho dados do filme da plataforma de streaming Netflix, “Amor Esquecido”, com a justificativa de que, além de dar concretude ao postulado do filósofo francês, o que é uma das vantagens que estudo me traz, me permite adentrar num mundo imaginário e ideológico um tanto dissonante, o polonês, cenário em que a obra foi alocada e cuja “narratividade”, por meio da ficção, permite um acesso relativo ao universo agrícola do interior da Polônia do início do século XX. Alerto, contudo, para o fato de que não faço desta atividade um objetivo para este estudo.

Como forma de atender ao objetivo estabelecido, foco a atenção no uso reiterado do conectivo condicional “se”, atentando para as relações “lógicas” que ele estabelece, em termos de, dada a condição, haver uma conclusão que se impõe como necessidade sustentada por uma ideologia que simula um efeito de cientificidade. Sob a forma material de um efeito do tipo “se/então”, o conectivo de condicionalidade não só articula processos silogísticos pautados em raciocínios demonstrativos, como também, pautando-se na simulação de efeito lógico, confirma o pleito de Pêcheux e ajuda a compreender a simulação alegada por ele.

1. Sobre a simulação de cientificidade

A afirmação de que Pêcheux postulava a aptidão dos discursos ideológicos gerarem um efeito de cientificidade em “**Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio” se confirma em fragmentos como “os processos ideológicos simulam os processos científicos” (1995, p. 91), “da simulação dos conhecimentos científicos no desconhecimento ideológico” (p.124), “acobertamento ideológico da descontinuidade” entre a ideologia e a ciência (p. 124), “mascara radicalmente qualquer descontinuidade epistemológica” (p. 128), “o mascaramento de descontinuidade entre conhecimento científico e desconhecimento ideológico” (p.129) e “acobertamento da oposição *ciências/ideologia*” (p. 131), entre outros.

A insistência do filósofo francês sobre a descontinuidade entre ciência e ideologia indica a preocupação em relação à ideologia se mostrar como ciência e o esforço para discernir entre “processo científico-conceptual” e “processo nocional-ideológico” (1995, p. 76); um “consiste em colocar a independência do mundo exterior (e do conhecimento objetivo das suas leis) em relação ao sujeito”; o outro aponta “a dependência do sujeito com respeito ao mundo exterior”. Se, desse modo, há um

mundo que independe de o sujeito conhecer ou postular a sua existência, há outro que só subsiste sob a assunção e o suporte de sujeitos que o postulam.

A insistência na cisão dos dois processos ocorre também na defesa de que “os processos nocionais-ideológicos (...) e os processos conceptuais-científicos (...) se constituem como processos discursivos” (1995, p. 93 - voltarei a este ponto) e quando o autor postula que os primeiros são “sustentados por um sujeito” e os segundos são “efeito de determinação do discurso transversal sobre o sujeito (que) induz necessariamente neste último a relação do sujeito com o Sujeito (universal) da Ideologia, que é ‘evocada’, assim, no pensamento do sujeito” (1995, p.166). Estes pleitos são, até por serem inúmeros, ruidosos o suficiente para que se perceba a defesa da ciência e o confronto com a ideologia como interpelação e assujeitamento.

Embora Pêcheux insista na separação entre os dois processos, ele não discorre sobre como ocorre a clivagem entre eles, deixando somente indicações do que seria a natureza de cada um. Dedico-me, brevemente, a eles. Os processos nocionais-ideológicos seriam constituídos por crenças, opiniões, convicções e representações que se ancoram numa cosmovisão que, sem suporte objetivo, impõem-se sobre o sujeito, fazendo-o crer que o mundo não pode ser de outro modo. Em que pese o efeito de universalidade que este “saber” produz, ele não resiste ao crivo da realidade e da ciência, desmoronando ante confrontos e polêmicas. No limite, ele é fruto de um tempo, de um espaço e de uma comunidade. A religião, a moral, o direito e a política são casos modelares no que tange a injunções ideológicas. Se, neste caso, parece haver garantia para o asseverado, ela tem relação estrita com quem que o sustenta e acredita nele.

Ao contrário, os processos conceptuais-científicos independem de um sujeito que os garanta; são imunes à defesa e à acusação, impávidos na indiferença. Pêcheux (1995, p. 166) os concebe como o “impossível ‘sujeito da ciência’”, pleito às vezes lido como “a ciência é impossível”, o que parece infundado. A tese que o filósofo sustenta não é mais do que o fato de que o conhecimento científico independe do sujeito como garantia: ele não precisa da validação de alguém, por ser autossuficiente e autônomo. Em outros termos, a ciência remete ao “processo sem sujeito” (p. 75), postulado que Pêcheux retoma de Frege, o filósofo da lógica. Se, desse modo, é possível assumir que um conhecimento é científico, isso acontece porque ele independe de que o seu valor seja atestado por alguém.

Se paira dúvida sobre a defesa da descontinuidade entre a ciência e a ideologia por parte de Pêcheux, devendo-se assumir que tudo é ideológico e a cientificidade é um efeito de objetividade produzido por certos discursos, cabe alertar que a tese de Althusser (2022, p. 109) de que “a ideologia não possui um exterior (para si mesma), mas (...) ao mesmo tempo ela é exterioridade (para a ciência e a realidade)”, é retomada por Pêcheux (1995, p. 177), ao afirmar que a ideologia “é exterioridade (para a ciência e para a realidade)” e que, apesar da polissemia, da equivocidade e da historicidade, a linguagem, no caso da ciência, tem a “capacidade de construir o unívoco” e produzir a “estabilidade” (2011, p. 56). Em suma: à luz destas considerações e sob a guarida de Pêcheux, assumo a descontinuidade, porque, em tempos de negacionismo irracional, sempre parece salutar manter uma determinada serenidade, sob os auspícios do conhecimento produzido e acumulado pela humanidade como antídoto.

As considerações alinhavadas parecem levar a um paradoxo, porque, se, por um lado, a cisão entre a ciência e a ideologia aponta para uma via bifurcada de sustentação, por outro, elas são reunificadas, já que “se constituem como processos discursivos” (1995, p. 93), o que só se resolve sob a tese da simulação, declaradamente, dos processos ideológicos como se fossem científicos. Pelo fato de as duas se valerem da língua como base comum, elas organizam, em última instância, processos de raciocínio (com efeitos) de cientificidade, mas apenas uma resiste ao escrutínio (a ciência), enquanto a outra funciona por simulação (a ideologia).

Pêcheux sustenta a simulação de ciência pela ideologia com o fenômeno linguístico das relativas, mostrando que, no caso das apositivas, às vezes, a sustentação se faz sobre um terreno lógico-racional, mas, às vezes, sobre uma ambiguidade que as faz poderem ser determinativas, dependendo do tempo histórico de produção. O caso canônico a que ele recorre é “o homem que é racional é livre”, em que, sem as condições de produção, não há como definir em que caso inserir a relativa. Casos como esses fazem perceber que, em que pese os procedimentos linguísticos serem os mesmos, a cientificidade de um não garante a do outro que, por meio de acobertamento, produz o engano e o raciocínio falacioso, aparentando ser o que não é.

Espero ter chamado a atenção, mesmo que de forma abreviada, para a clivagem entre os processos nocionais-ideológicos e científicos-conceituais e a tese da simulação dos segundos pelos primeiros. Pêcheux o demonstra por meio das relativas; eu pretendo fazê-lo com o estudo do condicional “se”, tendo como suporte o filme “Amor Esquecido”. Para entender como ocorre a “simulação” e, portanto, a impossibilidade de tomar a ideologia como ciência, valho-me de outras formulações de Pêcheux, partindo da que julgo mais significativa, embora o filósofo a mencione de passagem e não a elabore como conceito: *terceiro elemento*.

1.1 Sobre o *terceiro elemento*

Analisando o enunciado “Napoleão, que reconheceu o perigo para o seu flanco esquerdo, comandou pessoalmente sua guarda contra a posição inimiga”, Pêcheux (1995, p. 112) afirma que ele provoca embarços para a lógica, pois, explicitamente, há duas proposições (Napoleão reconheceu o perigo e comandou a guarda), mas, enquanto discurso, há três, dado que a elas vem se juntar uma relação de causalidade entre “reconhecer o perigo” e “comandar a tropa”, o que significa que, se uma proposição se une a outra, expressa mais do que o faria sozinha, já que a articulação entre elas se faz sobre um *terceiro elemento*.

Num outro caso, “a prata, que é fusível, permite fabricar balas de pistola”, rememoração a alguém que precise fabricar projéteis para a arma, Pêcheux (1995, p. 111) alerta para o fato de que, além das duas asseverações efetuadas (a prata é fusível e permite fabricar projéteis), há um terceiro elemento que ancora a articulação: “matéria fusível permite fabricar balas para armas”. Nos dois casos, a partir de duas “proposições”, é possível (imperativo discursivamente) reconstruir uma terceira: o *terceiro elemento*.

Este terceiro elemento que, para Pêcheux (1995, p. 97), do ponto de vista lógico, seria resultado de “imperfeições da linguagem” ou de “adjunção extralógica de natureza psicológica” (p. 116), é o que autoriza a articulação e permite que os segmentos se encadeiem, tornem-se três, sem gerar incongruência: “São essas relações, no interior das quais se constitui o *pensável*, que formam o terceiro elemento” (p. 125). O postulado mostra que os processos de articulação entre as “proposições” se pautam em algo que fica à sombra (o discurso prévio) e que, transversalmente, determina, por um “efeito de sustentação” (p. 110), que a articulação não deva ser percebida como incongruente, já que coaduna ao “pensável”.

Os casos de *Napoleão* e *prata* corroboram a tese do autor, já que *Napoleão* perceber o perigo e comandar a tropa se sustentam numa relação causal, assim como a *prata* ser fusível e permitir fabricar balas. Dois pontos a comentar: a reflexão sobre o terceiro elemento pode ser replicada sobre os conectivos (todos) condicionais, que é o caso deste estudo. Assim como as relativas analisadas por Pêcheux como fenômeno linguístico, a seleção de qualquer conectivo reconhecido tradicionalmente autoriza a hipótese da existência de um terceiro elemento de sustentação para a articulação, o que, por decorrência, vale para os condicionais.

O segundo é que os dois casos não se articulam sobre um terceiro elemento da mesma natureza, pois *reconhecer o perigo* não obriga um general a *comandar a tropa*, mas saber que *a prata é fusível* permite usá-la como material para balas. Em outros termos, no primeiro caso, há uma relação de causalidade que emerge de um ditame ideológico por meio de “uma espécie de *cumplicidade*” (PÊCHEUX, 1995, p. 114), enquanto, no segundo, a relação de causalidade ocorre por meio do “*retorno do saber no pensamento*” (p. 111). Esta distinção permite separar os dois processos discutidos; lá a ideologia; aqui a ciência.

Por fim, julgo relevante o uso de terminologia distinta para os processos em pauta. Ao abordar conhecimentos demonstrativos e irrefutáveis (científicos), Pêcheux se refere ao terceiro elemento “como *evocação lateral*” (1995, p. 111) do que se sabe a partir de outro lugar e que serve para pensar o objeto; nos casos amparados na ideologia, o autor afirma que “*essa análise baseia-se em alguma coisa fundamental que está em jogo antes*” (p. 117), sendo o jogo produzido pela “*identificação* pela qual todo sujeito ‘se reconhece’ como” x (p. 117), que é derivada do que ele designa como “*eficácia material do imaginário*” (p.119 e p. 125). Enfim: *retorno do saber*, de um lado; *jogo de identificação*, de outro; e *terceiro elemento* em ambos os casos. Trato, a partir daqui, do objeto de observação proposto para este estudo.

1.2 Sobre o Condicional “se”

Em termos de funcionamento linguístico, os conectivos condicionais, de que o “se” é o caso canônico, introduzem uma sequência que expressa uma condição para que o resultado se verifique, ou seja, por meio de uma premissa do tipo *se/então*, algo deve acontecer para que a consequência ocorra. Em “*se me agredir, você terá a resposta*”, a *resposta* só acontecerá no caso de a agressão

ocorrer. Isto é: se a condição não é atendida, a consequência também não é; caso a condição ocorra, a consequência se impõe com efeitos de necessidade obrigatória.

Atento para uma questão que julgo pertinente: em que pese os conectivos condicionais criarem um efeito de condição imperativa e de consequência necessária, ela se sustenta sobre elementos de natureza distinta, movendo-se sobre um pêndulo opositivo entre a ideologia, de um lado, e da, de outro. Isto significa que, embora em ambos os casos, linguisticamente, seja necessário remontar as condições que conduzem que conduzem a um resultado aparentemente obrigatório, num deles, o suporte é lógico e obrigatório, enquanto, no outro, o ancoradouro é ideológico e conjuntural. Espero também chamar a atenção para esta problemática, embora dê mais atenção ao segundo tipo de funcionamento.

Se, por um lado, os conectivos condicionais dão acesso a suportes de reflexão ancorados em demonstração, por outro, permitem a entrada em crenças e concepções que fundamentam um mundo, simulando-se racionais, quando são juízos pertencentes a condições históricas. Isto significa que os silogismos sobre os quais os condicionais se sustentam se fazem sobre primados racionais ou ideológicos, neste caso, simulando-se como lógico e acobertando a ideologia que, às vezes, age por meio de simulação de reflexão imperativa e racional.

2. Do Amor Esquecido: como assim?

O objeto de estudo deste artigo é o filme “Amor Esquecido”, da plataforma de streaming Netflix, que foi publicado em outubro de 2023. Tendo como base o romance de Tadeusz Dolega Mostowicz, de 1937, intitulado “Znacher”, o longa-metragem tem a direção de Michal Gazda e a participação dos atores Leszek Luchota, como o médico cirurgião Rafal Wilczur, pioneiro em craniotomia, e Maria Kowalska, sua filha Marysia.

Casado com Beata, Rafal é abandonado pela esposa, que leva a filha do casal, Marysia, passando a viver com o guarda florestal, Jan Oksza. Os dois criam a menina como se fosse filha e alegam que o médico estaria morto, o que é confirmado pela mídia, embora o corpo não tenha sido encontrado. Marysia é criada no interior da Polônia com o amigo, Michal. Os pais falecem e Marysia busca sobreviver com um piano e a vontade de fazer Medicina.

Conforme uma das sinopses do filme, “abandonado pela família e sofrendo de amnésia, um cirurgião infeliz e outrora famoso se instala em uma pequena aldeia onde ganha notoriedade como curandeiro”. A aldeia é Radoliszki e o professor Rafal, então, é Antoni Kosiba, nome falso, já que, premido pelas circunstâncias e não lembrando quem é, comprou os documentos de um ladrão que os tinha tomado de alguém.

Sobre a amnésia, importa reter que, ao ser abandonado, Rafal, buscando pela esposa no bairro de onde provinha, é assaltado e agredido com pancadas na cabeça, perdendo a memória. Jersy Dobraniecki, candidato a cirurgião chefe da clínica, presencia o assalto e a agressão, nada faz para ajudar o colega e denuncia a tentativa de assassinato de Rafal, que ressurgiu 15 anos depois como nômade que vagueia pelas estradas da Polônia.

De posse do quadro geral que ambienta e contextualiza o filme em pauta, passo a me dedicar ao objetivo deste trabalho, ou seja, ao funcionamento discursivo do condicional “se”, que, considerado o uso feito no filme, permite distinguir, a partir do *terceiro elemento*, entre o *retorno do saber* e o *efeito de cumulidade/identificação* que o acompanham, mostrando-o como disponível para os processos científicos e ideológicos e acobertando a descontinuidade entre ciência e ideologia, por *simulação*.

2.1 Se tivesse música...

A primeira sequência discursiva ocorre aos 28:00 e é produzida por Marysia para o dono de uma taberna em Radoliszki, Rosenstein. Com a morte de Jan e Beata, ela busca condições de sobrevivência tendo um piano como meio. Ela ambiciona cursar Medicina e está disposta a trabalhar para isto. Acompanhada por Michal, amigo de infância, ela propõe dar “de graça” o instrumento ao proprietário. Ele fica interessado e pergunta quanto vai lhe custar o “presente”. A moça reafirma que é “de graça” e pede para trabalhar. O dono afirma não ter como pagar, dado o movimento pequeno no estabelecimento; Marysia, então, produz a sequência abaixo:

SD1) – Se tivesse música aqui, as pessoas ficariam e ouviriam. Elas comeriam e beberiam. Mas os músicos são caros. Muito caros (27:00).

Seduzido pela proposta da moça, Rosenstein aceita o piano e dá trabalho a ela que, além de outros serviços, toca para atrair clientela. O que importa reter, sobretudo, neste estudo, é que a sedução do dono apenas ocorre em virtude do prenúncio vislumbrado de lucro, no caso de ter um músico para animar o local, o que Marysia assume e demonstra por meio do que passa a acontecer no local, muito mais festivo e frequentado.

Entendo que se deve perceber que o discurso de Marysia está amparado sobre um ditame condicional de haver música para haver lucro e cuja ausência não dava a Rosenstein o retorno almejado. Na contramão da mirada ideológica capitalista do acúmulo de bens materiais de “A Cigarra e a Formiga”, a atividade artístico-musical é concebida como um atrativo de consumo e, por isso, de lucratividade e a relação se/então se ampara, transversalmente, sobre o terceiro elemento “a arte (música) gera lucro”, que, embora ideológica, cria um efeito de cientificidade, por meio da imposição de uma conclusão “obrigatória” irrecusável.

2.2 Se estiver procurando trabalho...

Rafal, após 15 anos, perambula por estradas do interior da Polônia e se depara com um incidente provocado por rapazes que apostam uma corrida entre uma égua e uma motocicleta. O cavalo que puxa a carroça de uma camponesa se assusta, dispara e o veículo perde uma das rodas e cai numa vala. O auxiliar de Zofia, a condutora, desloca o ombro e Rafal o recoloca no lugar; além disso, ergue

a carroça para o conserto ser feito. Encantada, Zofia pergunta para onde Rafal vai e ele diz não saber, pois não sabe o que procura. Então, ela afirma:

SD2) – Então, talvez não vá para Redom. Talvez para Rzesow ou Cracóvia. Ou para minha casa... Para o meu moinho, se estiver procurando trabalho.

Ocorrida aos 39:00, a sequência revela a atração de Zofia por Rafal, que surge como o herói salvador, e a curiosidade que ela sente, buscando descobrir quem é e o que busca, o que ele não pode responder dada a amnésia devido às agressões. Rafal aceita o convite para ir com Zofia e o ajudante à casa dela para trabalhar no moinho de trigo, passando a dormir no celeiro e a ajudar em todas as atividades da propriedade.

Alerto para o que é relevante para este estudo: o uso do condicional “se”. Antes, porém, adiciono um detalhe: o segmento “para minha casa” emerge como ato falho e Zofia percebe o descompasso do discurso, corrigindo-se com “para o meu moinho”, o que a recoloca no prumo do trabalho e não da atração que a invade. Em outros termos, a relação ideológica que recoloca Zofia nos eixos é que o convite só pode ser feito, se for para trabalhar e não para o que o ato falho revela. Isto é: o terceiro elemento (“o homem pode ser convidado a trabalho”), ideológico, que ancora a relação se/então, com efeito de necessidade, não permite que o convite seja feito, com cunho de apelo erótico-sensual, mas é admitido, se estiver ligado ao trabalho, mesmo que seja somente uma máscara amenizadora do que se passa pela (in)consciência.

2.3 Se perder a aposta...

A terceira sequência ocorre aos 44:20 e é produzida pelo barão Krzeszowski para o conde Leszek Czyski, depois de os dois chegarem à taberna de Rosenstein e buscarem acertar os termos da aposta sobre o tempo que o conde levaria para conquistar Marysia. Ele afirma que, no máximo em uma semana, ela seria sua e estava disposto a apostar a motocicleta contra a égua pertencente ao amigo. Em resposta, o barão sugere em tom de desafio:

SD3) – Tive uma ideia. Se perder a aposta, vai trabalhar aqui como garçom um dia inteiro (40:40).

Indo ao ponto: o condicional “se” define uma previsão que deve se realizar, caso o barão vença a aposta e, já que valoriza mais a sua posse, faz o adendo de o conde “ter que trabalhar como garçom”, que seria uma desonra. A atividade vergonhosa ocorreria, caso Leszek perdesse a aposta, o que se baseia no terceiro elemento de que “aquele que perde a aposta deve espeitar o acordo”, com a consequência, no caso, de o conde se submeter a uma atividade demeritória, para equivaler à perda do barão. O enunciado se ancora, portanto, sobre um prisma ideológico de valorização da palavra dada por cavalheiros e de menosprezo em relação a determinados trabalhos, injunções sob as quais os dois nobres se postam e julgam o mundo a partir de uma relação condicional ideológica simulada como necessária e obrigatória.

2.4 Se tiver esposa... Se for padre...

Numa das ocasiões em que Zofia e Rafal estão transportando farinha de trigo produzida no moinho para ser comercializada no vilarejo, ela conduz a carroça e ele está ao seu lado. A conversa entre os dois gira em torno de quem ele poderia ser. Zofia cogita:

SD4) – Talvez você seja um príncipe. Ou um barão, Talvez tenha propriedades no estrangeiro. E se tiver uma esposa? Ou pior, se for padre? (45:00).

Zofia está apaixonada e busca estar ao lado de Rafal. Conduzindo a carroça, ela elenca possibilidades sobre o que Rafal poderia ser e elas compõem um campo com cinco alternativas: “príncipe”, “barão”, rico, casado e “padre”. Embora a relação de condicionalidade surja só nos dois últimos segmentos, ela se espalha sobre os outros três, tecendo uma grade de valoração que separa o bom e o ruim em dois eixos; se ele for príncipe, barão ou rico, melhor; se ele for casado ou padre, pior. E cada um destes ingredientes se ancora numa teia de apreciação ideológica que, por meio de simulação, estabelece conclusões apriorísticas que orientam o discurso e se impõem sobre o expectador, interpelando-o como partícipe de uma concepção de mundo.

Se, por um lado, *príncipe*, *barão* e *rico* são propriedades meritórias e, no caso de um ou outro, seria bom para Rafal (e para Zofia), *casado* e *padre* pertencem ao polo oposto, tornando-o inadequado para as ambições de Zofia; menos, se for casado, e mais, se for padre, pois, no primeiro caso, haveria uma solução, o que não aconteceria se ele for padre. O discurso de Zofia se mostra, pois, ancorado numa grade ideológica que, amparando-se em discursos prévios (“ser príncipe/barão/rico é bom” e “ser casado/padre é ruim”), dita o que pode aceitar e o que seria impróprio, fazendo-o por meio de uma relação condicional que simula um raciocínio de cunho imperativo ao modo do se/então, quando ele é conjuntural e histórico.

2.5 Se ele ganhasse...

À 1:04:00, já namorando com Marysia, Leszek, ainda não percebendo o equívoco que cometera, comenta com a moça a aposta que o barão tinha proposto (**ver** SD3 acima) e afirma que o ajuste não foi aceito, por causa do adendo que ele teria que cumprir, caso perdesse:

SD5) – Não importa. Não teve aposta. O idiota sugeriu que, se ele ganhasse, eu teria que ser garçom por um dia (1:04:00).

O discurso de Leszek provoca um efeito negativo imediato em Marysia, dado que ela era garçomete na taberna, buscando recursos para a faculdade. Para o conde, uma aposta deve ser honrada por quem a perde e ele não deseja cumprir os termos previstos, já que ser garçom seria uma desonra. Há dois imperativos que assombram Leszek: “apostas devem ser cumpridas” e “o trabalho de garçom é indigno”. Imerso em simulações de cientificidade pela ideologia, ele não percebe a contradição

entre o julgamento que profere e a namorada exercer a atividade depreciada. O processo “lógico” construído por meio do condicional “se” o coopta de tal modo que o qualificativo que lhe parece adequado ao amigo é “idiota”. Em outros termos: se o amigo ganhasse a aposta, ele teria que pagar e, além da motocicleta, teria que ser garçom por um dia, o que seria uma desonra: eis a razão para a idiotice da proposta do barão.

2.6 Se quer um homem...

Convivendo com Zofia e trabalhando no moinho, em momentos livres, Rafal passa a atender como médico, embora não saiba que é; contudo, a habilidade e a capacidade de fazer diagnósticos ajudam muita gente. Formam-se filas diante do celeiro em que atende sem cobrar pelo serviço. O médico é procurado por Walczakowa, mulher de má fama, que o procura com segundas intenções. Zofia discute com ela e determina, sem sucesso:

SD6) – Se quer um homem, vá fazer ponto em Redom!

Questionando Rafal se a mulher estava doente, ele afirma que ela nada tem e, diante da contrariedade de Zofia, que não teria como saber sem consultá-la. Resta analisar o condicional “se” no discurso de Zofia. Dizendo a Walczakowa que, se “quer um homem”, deve “fazer ponto em Redom”, ele permite inferir que Rafal não poderia ter outra, pois já tem Zofia, e que a atitude era escandalosa. Trata-se, portanto, de dois terceiros elementos (contra o adultério e contra a lascívia) que não coadunam com determinados ditames morais e que definem a maneira e o local em que as relações do casal podem ocorrer. Por meio de uma relação simuladamente lógica construída pela relação se/então, Zofia busca restabelecer o acordo ideológico previsto, condenando quem tenta quebrá-lo, enquanto defende o seu homem, o seu negócio e o seu vilarejo, buscando impor uma determinada ordem ideológica sobre a sexualidade.

2.7 Se envergonhar nosso nome

Por estar apaixonado por Marysia, Leszek tem conflitos com a família, sobretudo com a mãe, que pretende casá-lo com uma nobre e entende que o envolvimento do filho com a moça é só um passatempo de juventude. Rebelando-se, o rapaz, abandonando a casa dos pais, quando carrega as malas pelo corredor, ouve da condessa:

SD7) – Se envergonhar nosso nome, terá que deixar o palácio (1:09:50).

O discurso, ocorrido à 1:09:50, carrega um efeito inevitável de ameaça ao filho, além de explicitar que, caso o envolvimento dele com Marysia fosse apenas mais um caso passageiro, não seria vergonhoso, mas, se ele casasse com a garçonete, estaria cometendo uma desonra para o nome nobre da

família. Não se trata, pois, de o jovem não poder viver uma aventura com uma plebeia; trata-se de não “envergonhar nosso nome”, rebaixando-o à indignidade por contrair compromisso matrimonial com alguém “inferior”. No limite, a preocupação da condessa é com a manutenção do nome e a “pureza” da linhagem, devendo, se necessário, reprimir o desejo do filho. Eis um preceito ideológico pautado na distinção de descendência e na impossibilidade de uma casta ser invadida e maculada por outra sem provocar vergonha, desonra e opróbio. Tudo ao sabor da “lógica” ideológica de que uns são mais dignos do que outros.

2.8 E se ela voltar?

Zenek é um moco que deseja Marysia para si, mas a moça o rejeita. Tendo o conde como rival, uma noite, bêbado, corta os freios da motocicleta, o conde com Marysia na garupa sofrem um acidente, a moça fica gravemente ferida e é salva por Antoni por meio de uma craniotomia. Ao se recuperar, ela visita a taberna e Rosenstein a recebe efusivamente:

SD8) – Meus Deus, Srta. Marysia. O piano está esperando. Apareceu um comprador. Mas pensei: “promessa é dívida”. E se ela voltar? Como vou olhar nos olhos dela?

No discurso de Rosenstein, à 1:45:50, percebe-se a entonação de alegria de quem revê um ente querido, além do que pesa positivamente o fato de cumprir a promessa de não vender o piano. Entretanto, em que pesem elementos a favor do taberneiro, inclusive por ter resistido a um comprador, o condicional “se” abre uma brecha no discurso, quase ao modo da confissão de que a tentação teria sido forte e que a venda só não ocorreu por causa da dúvida sobre se Marysia sobreviveria. Em outros termos: dada a possibilidade de a moça voltar, a venda não aconteceu, em face, também, da premissa de que “promessa deve ser cumprida”. O discurso permite inferir o que Rosenstein faria, se não houvesse a condição da volta, podendo-se afirmar que a promessa desandaria, até porque o piano tinha sido dado e o taberneiro não teria mais quem o tocasse. Em suma: promessas feitas a vivos têm um grau de compromisso diferente do que para quem já partiu; eis uma premissa não muito agradável e desalentadora.

2.9 Se alguém estivesse doente...

Trago um último excerto que subordina o condicional “se” à determinação ideológica, embora se apresente como tecendo uma relação lógica de organização com efeito de conclusão obrigatória. Ele se refere ao discurso de um dos depoentes no julgamento de Antoni, acusado de curandeirismo e charlatanismo por praticar Medicina sem estar habilitado para fazê-lo. O fragmento ocorre às 2:05:00 e diz respeito a um depoimento favorável ao médico.

SD9) – Se alguém estivesse doente, procurava Antoni. Ele sempre ajudava. Nunca aceitou pagamento. Aposto que Zoska não ficava satisfeita.

Dada a condição de estar doente, o depoente atesta que, então, o necessitado procurava por Antoni, que nunca se recusou a ajudar e não aceitava pagamento, em desacordo com Zofia. No cenário de atendimento, formam-se filas e várias pessoas são curadas. O depoimento, desse modo, ancorado em momentos de fragilidade das pessoas, constrói a imagem de abnegação e solidariedade de Antoni, como também de honestidade, pois ele não cobrava por não se julgar um médico, mas meramente alguém que ajudava quem precisava. A sustentação ideológica do depoimento, se não a revelasse por si mesmo, neste caso, conta com a discordância de Zofia sobre a gratuidade dos atendimentos. De toda sorte, o julgamento positivo de Antoni se sustenta no altruísmo e na renúncia, tornando-o “aquele que ajuda aos doentes não deve ser punido”, em face do amparo sem compensação, constituindo, portanto, uma espécie de generalização que, ideologicamente, separa o desejável e o indesejável sob prismas distintos de avaliação.

2.10 Se causada por trauma na cabeça...

Contrariamente aos casos anteriores, amparados ideologicamente, ou seja, constituídos por ditames conjunturais, o próximo, e último, mostra outro funcionamento, pois não se ancora numa comunidade de concepção, mas se sustenta em parâmetros objetivos que transcendem as circunstâncias, não dependendo de um sujeito que o valide, mas do conhecimento que veicula. Nele, à revelia de cumplicidades, identificações e simulações, ocorre o retorno de um saber sem sujeito e cujo silogismo de constituição é demonstrativo.

Dobraniecki, colega cirurgião de Rafal, não esperava o retorno do colega e, sabendo das suas atividades, desloca-se para a aldeia, a fim de verificar a craniotomia feita pelo “curandeiro” e se espanta com a perícia do trabalho. Como ocupou a posição que teria sido de Rafal, o médico teme a recuperação da memória e busca se cercar de precauções para evitar o transtorno. Pesa contra ele ter abandonado Rafal durante o assalto, ter denunciado a morte do colega e ocupar um posto que não seria seu. Após examinar a cirurgia de Marysia, ele diz a Zofia:

SD10) – A amnésia geralmente dura a vida toda, principalmente se causada por trauma na cabeça, como parece ter sido o caso. Mas, às vezes, os pacientes começam a lembrar certas coisas. Se isso acontecer, ele pode precisar de um médico. Então, se ele se lembrar de qualquer coisa, não hesite em me avisar. A qualquer hora, mesmo à noite.

Os três conectivos condicionais presentes no discurso, ocorrido à 1:34:50, apresentam um funcionamento que, embora não pela mesma razão, partem de uma premissa irrefutável: “a amnésia provocada por trauma na cabeça pode ser definitiva”; este é o terceiro elemento de sustentação de Dobraniecki, que pode, a partir dele, postular as demais condicionantes, embora as duas últimas, sem serem refutáveis, sejam sobredeterminadas pelo objetivo de saber o que se passa com Rafal e poder se antecipar às suas reações.

Se o primeiro condicional se ampara em evidências empíricas e quadros demonstrativos, permitindo a previsibilidade do mundo, os últimos dois, sustentando-se sobre ele, irrecusável, veiculam

consequências advindas da admissibilidade do princípio, confirmando-o e atendendo, neste caso, ao cuidado e à precaução de Dobraniecki com relação ao futuro, em que pese Zofia, desavisada e crente na bondade do médico, entender que o que se passa não é menos do que abnegação e altruísmo da parte do visitante ilustre.

Em suma, eis o ponto a que pretendo chegar: se os primeiros nove casos analisados se sustentam sobre um ponto de vista que pode ser submetido à contradição em face da ideologia que os anima, aqui, o fundamento é demonstrativo, inclusive, pelo modalizadores “geralmente”, “principalmente”, “parece” e “às vezes” que condicionam a tese postulada, tornando-a racional e admissível. Se, nos primeiros nove casos, o que funda a relação condicional está pautada em conjunturas definidas que determinam a historicidade do sentido, o último tem uma amplitude que ultrapassa limites sociais. Isto significa que o fenômeno da condicionalidade serve tanto à ideologia quanto à ciência, acobertando a primeira por meio de um efeito de cientificidade lógica, o que demanda a necessidade de discernimento entre elas.

Considerações Finais

Espero ter mostrado que os conectivos condicionais revelam uma articulação que se sustenta sobre terceiros elementos que, como premissas de sustentação, autorizam que, a cada caso, uma conclusão se imponha, adquirindo efeitos de cientificidade ancorada em raciocínios silogísticos, racionais ou não. Neste caso, é plausível afirmar que, no caso do “se”, quando ele é usado, sua mobilização se ancora em relações do tipo se/então, sendo que, dada a propriedade em pauta, por “dedução”, alcança-se uma previsibilidade sobre o mundo.

Espero ter mostrado ainda que o terceiro elemento que sustenta o uso dos condicionais, em que pese produzir um efeito de inferência obrigatória e necessária, não se articula a partir da mesma natureza de background, transitando entre a ideologia e a ciência. Se, por um lado, o seu uso dá acesso a saberes que se pautam em raciocínios demonstrativos, por outro, permite vislumbres sobre constituições conjunturais e sobre a ideologia que sustenta um imaginário, o que é demonstrável no filme “Amor Esquecido”, que dá acesso a alguns elementos componentes das concepções do mundo polonês interiorano, ao sabor de como ele é representado.

E, por fim, espero ter trazido à tona o fato de que, por se valerem dos mesmos fenômenos linguísticos, a descontinuidade entre a ciência e a ideologia é acobertada; neste caso, por meio dos conectivos condicionais, a ideologia simula efeitos de cientificidade, uma vez que mobiliza procedimentos de montagem de raciocínios que, parecendo lógicos, são ideológicos.

E, para finalizar: “Amor Esquecido”, título do filme tomado como objeto de observação, revela-se agora com uma nuance que me escapou inicialmente; assim como Rafal, tomado pela amnésia, esquece-se da razão do amor por Marysia, o amor esquecido pode ser replicado sobre o sistema de apego às premissas que ancoram os discursos, ou seja, quem produz um discurso se ancora numa premissa amada, suportada e para sempre esquecida, porque inculcada por meio de interpelação.

Entretanto, a percepção das filiações ideológicas com que se pactua sempre é possível e também os conectivos condicionais são um lugar de descoberta.

Informações complementares

Avaliação

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i1.2242.R>

Editora

Raquel Meister Ko. Freitag

Afiliação: Universidade Federal de Sergipe

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4972-4320>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Lucas do Nascimento

Afiliação: Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4627-8991>

Avaliador 2: Raquel Ribeiro Moreira

Afiliação: Universidade Tecnológica Federal do Paraná

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2135-7768>

AVALIADOR 1

O artigo apresenta temática atual e necessária, com a relevância dos dados inéditos, isto é, dados sobre “Amor Esquecido” da Netflix, “[...] no que se refere ao uso do conectivo condicional “se” no filme”, por mobilizar processos discursivos que partilham a simulação [a descontinuidade entre a ideologia e a ciência, afirmando que a aparência de reunificação entre elas residiria no fato de a primeira se simular como a segunda].

Isso confirma a originalidade do manuscrito, sobretudo, pela relação apresentada entre os discursos científicos e os ideológicos produzidos na sociedade. Em especial, por apresentar como os discursos são internalizados e circulam também entre as suas diferenças – ciência e ideologia. Este é um ponto bem explorado e aprofundado, com as seqüências discursivas apresentadas e ‘costuradas’ nas discussões.

Por fim, declaro a coerência com a Análise de discurso [AD] e as análises produzidas, apresentadas e bem ajustadas ao arcabouço dessa teoria. No Brasil, no campo das Ciências da Linguagem,

pesquisas que dão continuidade teórica ao fundador Michel Pêcheux ainda carecem de avanço em raciocínio, principalmente em relação aos textos densos e com abstrações do filósofo. A AD muito vem se desenvolvendo no Brasil, inclusive com perfil próprio, honrando com suas filiações francesas e, acima de tudo, apresentando respeito com a apropriação aos seus autores, a mobilização teórica e o endereçamento às análises.

O esforço do artigo apresentado envida debruçamentos ao que Malidier (2003) acentua de postulações de Michel Pêcheux (1995). A autoria do texto fisga a abordagem no funcionamento da “simulação” enquanto materialidade verbal, ao buscar reflexões inéditas “sobre como se dá esta simulação, valendo-me do que o filósofo francês designa como *terceiro elemento* [...]”.

TÍTULO

Criatividade no título.

RESUMO

O resumo contém objetivo, relevância do tema e metodologia. Apresenta alguns resultados finais, mesmo que sucinto e brevemente. A declaração do objetivo está em consonância com o objetivo apresentado na introdução. O resumo é sucinto, claro e compreensível.

INTRODUÇÃO

As sequências das afirmações, na introdução, conduzem diretamente à finalidade do estudo, além de apresentar ao leitor o contexto geral fílmico.

MÉTODOS

Os métodos estão coerentes com relação ao objetivo do estudo e dos problemas pontuados. No que diz respeito à informação essencial, o(s) método(s) da Análise do Discurso é(são) reproduzido(s) suficientemente para o tratamento dos dados e para o desenvolvimento da pesquisa. Em relação à tentativa da utilização de métodos propostos por Pêcheux, há produtividade e sustentabilidade analítica sobre os dados com fidelidade a esse autor.

A seleção de amostragem está adequada, o modelo experimental analítico é apropriado para a Análise de/do Discurso, precisando destacar o esforço, com sucesso, ao atribuído e ao apropriado de Pêcheux.

RESULTADO

Os dados estão organizados para facilitar as interpretações, fazendo-se útil indicar o recurso linguístico, o léxico específico, as expressões e/ou as sequências discursivas que permitem análises, referências para generalizações e/ou conclusões.

Os resultados apresentados no texto não precisam de revisão: indicar/referenciar/exemplificar as partes específicas dos discursos, de fato, indiciam as generalizações e/ou conclusões apresentadas ao leitor.

Os resultados estão à luz do objetivo proposto, demonstrando que o estudo condiz com o plano do(s) pesquisador(es). Destacam-se as discussões com referências apropriadas a Michel Pêcheux.

Sugere-se que a importância dos resultados para o conhecimento da área seja destacada, especialmente na seção de desenvolvimento do texto. O resultado de análises da partícula “se” é um ponto de clarificador.

Inclusive alguns pontos elencados podem ser indicados para novas pesquisas no campo, como o procedimento analítico que apresenta a abordagem autoral para diálogos ou tensões entre ciência e ideologia.

GENERALIDADES

Ao confrontar a interpretação contra os dados e os resultados analíticos, a discussão apresentada não repete meramente os resultados, porque a interpretação surge de maneira léxico, sintático-semântica e lógica dos dados.

A interpretação afirma raciocínio inteligível como não elaborada por tantos pesquisadores da área, muitos destes com estudos básicos, com citações descalculadas e com inchaços em seus 'presupostos teóricos'.

De certo modo, há o direcionamento da pesquisa para um futuro, pois o autor sugere um aprofundamento teórico e metodológico na pesquisa, o que por si apresenta exemplarmente método em Análise de Discurso.

Quase todas as citações estão referenciadas de acordo com as regras da ABNT, precisando corrigir "moco" para "moço" e utilizar o recurso correto de formatação para as palavras estrangeiras utilizadas, conforme destaques no original do texto.

AVALIADOR 2

Trabalho com potencial de publicação, mas que precisa de ajustes.

- O resumo não apresenta os resultados;
- O objetivo 2 não é desenvolvido no texto;
- O título da seção 1 não corresponde ao tratado na seção;
- Há alguns problemas de digitação que requerem uma revisão

Conflito de Interesse

O autor não tem conflitos de interesse a declarar.

Link para *Preprint* (obrigatório)

Link de pré-print: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/submissions>

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Os roteiros da Equator Network foram avaliados: nada a constar.

A pesquisa não foi pré-registrada em um repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados

O compartilhamento de dados pode ser aplicado integralmente a este artigo, dado que eles estão presentes no próprio corpo do texto.

Fontes de financiamento

Estudo desenvolvido com financiamento da Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA).

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro; introdução crítica de J. A. Guilhon Albuquerque. 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. (Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al.). 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel [1981]. Notas sobre a questão da linguagem e do simbólico em Psicologia. In: **Análise do Discurso: Michel Pêcheux**. Textos Seleccionados por Eni Puccinelli Orlandi. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.